

Arte e mobilidade no Brasil: fotógrafos viajantes

Identificação:

Grande área do CNPq.: Linguística, Letras e Artes - Artes

Área do CNPq: Artes

Título do Projeto: Imagem-Passagem: dinâmicas da imagem e da mobilidade

Professor Orientador: Prof. Dr. Almiro Soares Filho

Estudante PIBIC/PIVIC: Vitor Guerra Silva

Resumo: *Este subprojeto pretende investigar práticas de fotógrafos brasileiros cujo trabalho se constrói a partir de um processo de criação atrelado ao movimento da viagem tendo como foco, diferentes geografias, culturas, línguas e tradições. Delineando um panorama da fotografia brasileira dedicada à mobilidade e nos interessando por histórias e imagens de viagens de fotógrafos brasileiros (ou radicados no Brasil), a particularidade desta pesquisa está no fato de retomar um gênero tradicional, a viagem, e contextualizá-lo diante de questões importantes da atualidade, destacando o modo como esses fotógrafos pensam e colaboram para a compreensão do mundo de forma crítica e poética. Interessa-nos fazer uma ponte entre as viagens de fotógrafos históricos e as práticas da fotografia contemporânea desenvolvidas no contexto de globalização. Produziu-se um levantamento de uma lista de fotógrafos e o estudo dos textos críticos existentes sobre eles. Além do levantamento de fontes importantes como catálogos de artistas, livros e acervos digitais. A partir do mapeamento de artistas fez-se categorização dessas práticas de forma a revelar elementos que colaborem para o estudo de uma estética da mobilidade associada ao estudo das especificidades da linguagem fotográfica.*

Palavras chave: Fotografia. Arte Brasileira. Arte e mobilidade. Arte em contexto. Arte e globalização.

1 – Introdução:

Cada vez mais em evidência nas artes, a fotografia passa por um período de enorme fervor neste campo. Seu lugar no meio artístico vem sendo ocupado por artistas que passam a usá-la como suporte, pensamentos e experimentos para a revelação da imagem visual. Neste cenário, coube a este projeto um recorte acerca de trabalhos fotográficos que se constroem a partir de processos de criação atrelados ao movimento, tendo como ponto de partida uma catalogação a partir de diferentes complexos que se emaranham dentro da questão mobilidade; geografias, culturas, línguas e tradições. O antropólogo Marc Augé em seu livro *Por uma Antropologia da Mobilidade* (2009), expõe a abrangência e preocupação frente a problemas relacionados ao que ele classifica como “sistema de globalização”, sendo caracterizado pela aceleração do tempo, retraimento do espaço planetário e um imediatismo consumista. Neste contexto, deslocamentos tanto físicos quanto mentais, podem determinar uma experiência individual frente a produção artística individual, relacionando-as com improvisação, casualidade e a imprevisibilidade. Ao refletir sobre a arte num contexto de globalização precário, o crítico de arte e curador Nicolas Bourriaud teoriza em seu livro *Radicante: Por uma Estética da Globalização* (2011) o surgimento de uma nova estética do contemporâneo, a arte radicante: “[pôr em cena, pôr em andamento as próprias raízes, em contextos e formatos heterogêneos; negar-lhes a virtude de definir por completo a nossa identidade; traduzir as idéias, transcodificar as imagens, transplantar os comportamentos, trocar mais do que impor” (BOURRIAUD, 2011). Bourriaud propõe um modelo de arte que se lança pela cultura mundial, encontrando desdobramentos compositivos conceituais e filosóficos.

Se o tempo hoje em dia se especializou, a forte presença da viagem e do nomadismo na arte contemporânea remete à nossa relação com a História: o universo é um território cujas dimensões são todas, tanto as temporais quanto as espaciais, passíveis de ser percorridas. A relação dos artistas contemporâneos com a história da arte se dá, hoje em dia, sob o signo do deslocamento, mediante o uso de formas nômades.

(BOURRIAUD, 2011).

Ficou então retido a este estudo, que vinculado ao projeto *Imagem-Passagem: Dinâmicas da Imagem e da Mobilidade*, propor uma teorização e catalogação de artistas radicantes que fazem uso da fotografia como prática visual frente a um mundo marcado por migrações; fluxos econômicos-financeira acelerados, turismo crescente e diversas outras formas de deslocamentos.

2 – Objetivos

- Levantamento de referências das artes visuais que permitam construir uma base para pesquisa e ações de extensão;
- Mapear fotógrafos/artistas contemporâneos brasileiros que fazem o uso da fotografia e a temática da mobilidade para construção de produção visual;
- Categorização de fotógrafos/artistas identificados em função dos eixos pré-determinados, além da localização geográfica de atuação destes;
- Relacionar a linguagem fotográfica e sua construção num contexto de sistematização da globalização;

3 – Metodologia

A partir de buscas por obras em diferentes tipos de referências bibliográficas identificadas previamente como, livros de artistas, catálogos de exposições e acervos digitais, notou-se semelhanças temáticas em diversas obras. A partir disso foi-se agrupando as obras levantadas em eixos temáticos discutidos com o orientador, mas não com um caráter reducionista em cima dos trabalhos levantados, mas sim a nível de relacioná-los entre si levantando suas semelhanças e diferenças. Três eixos centrais nortearam o trabalho: paisagens, tratando do contato direto com a natureza e a representação da paisagem; cidades, práticas baseadas no espaço urbano tendo como modo de deslocamento principal a prática da caminhada; e estradas, eixo focado na criação realizada não em um local determinado ou estático, mas sim nos diferentes caminhos percorridos numa viagem entre dois pontos. É necessário salientar ainda que estes eixos possuem suas particularidades assim como as obras levantadas, sendo assim uma obra pode eventualmente ser identificada como pertencente a mais de um eixo, bem como pode apresentar outras características para além do que foi designado como eixos de estudo.

4 – Resultados e Discussões

A História da Arte apresenta a viagem enquanto uma temática recorrente. Seja na artes plásticas, literárias ou musicais a viagem tem forte presença, sendo um ponto de partida para inúmeros artistas que buscam nesse movimento uma inspiração ou um elemento que possibilite o início de um processo criativo. Albrecht Dürer, artista alemão do século XV, em uma viagem marcada por pinturas fiéis as paisagens que encontravam em Veneza, produz *View of Trent* (Vista de Trento, entre 1495-1500). Vista de Trento, assim como outras paisagens pintadas durante a visita em Veneza, coloca Dürer como um dos primeiros pintores de paisagem da Europa. Debret, pintor francês que integrou a Missão Artística Francesa vindo ao Brasil em 1816, assim como Dürer, foi um exímio artista de paisagem. Ao publicar seu livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (entre 1834 e 1839), Debret reúne aquarelas litografadas que apontavam cenários encontrados por ele durante o tempo que residia no Brasil. Cabe lembrar que Debret foi oficial pintor da corte real brasileira, tendo como um dos objetivos do cargo a catalogação iconográfica brasileira da época. Na literatura são muitas as obras que tem como ponto de partida a mobilidade. Almeida Garrett, representante do romantismo português, publica durante seu primeiro exílio *Camões*, (entre 1824 e 1827) um poema lírico-narrativo que destaca a vida de Luís de Camões, tendo seu maior enfoque nos momentos da escrita de *Os Lusíadas*.

É nesta relação entre mobilidade e arte, por intermédio da fotografia como suporte, que as discussões deste estudo tiveram início. Antes de adentrarmos de fato à mobilidade como pauta, é necessário contextualizar a importância da fotografia como suporte para a arte contemporânea. A reformulação dos valores estéticos em vista da experiência imagética que a fotografia pode trazer é uma de suas particularidades extraída pelos contemporâneos, onde a fotografia é pensada como um suporte produtor de subjetividades, geradora de efeitos e estruturando experiências. Como observa Victa de Carvalho:

Cada vez mais, a arte vem construindo dispositivos que privilegiam a imagem como o lugar das experiências, no qual o observador é convocado a participar de modo a evidenciar que não há obra independente de uma experiência. Não se trata, no entanto, de pensar em uma “experiência vivida”, passada, mas da experiência como um devir que é também imagem e que se dá no processo de interação entre dispositivo e observador. (CARVALHO, V. 2009).

Tendo então como base de estudo artistas que usam da fotografia como suporte de suas práticas, este relatório foi construído através de uma pesquisa que teve como fim a produção de um artigo, fundamentado em 16 obras de artistas que foram catalogadas em três diferentes eixos correspondendo à diferentes espaços da mobilidade. As obras se dividiram em: espaços urbanos, estradas e paisagens naturais. Essa abordagem da mobilidade ocorreu após a investigação dos fenômenos espaciais por trás das obras levantadas, não sendo excludente com o trabalho do

artista, o processo foi tentar entender as particularidades existentes entre um determinado espaço e o processo de criação, observando essa intimidade através do conteúdo-forma.

O filósofo tcheco Vilém Flusser em seu texto *Exílio e Criatividade* (1983) relaciona o ato do exílio e o processo de criação da figura exilada. Para Flusser, os costumes e hábitos envoltos no cotidiano nos cobrem com um cobertor, fazendo que nos atentemos mais para as mudanças, mas não para o que permanece fixo.

O hábito é um cobertor macio. Arredonda os cantos e amortece os barulhos. É portanto anestésico (de *aisthestai*, perceber) porque nos impede de perceber informações, como ângulos ou ruídos. O hábito é agradável porque bloqueia percepções e porque anestesia. É reconfortante. Torna as coisas agradáveis e tranquilas. Todo ambiente rotineiro é gracioso e tranquilo e sua graça é uma das fontes do amor pela terra de origem, que confunde graça com beleza. A descoberta começa quando se retira o cobertor. Então tudo se torna incomum, monstruoso e inquietante. Para entender tal estranhamento basta considerar o movimento das mãos e dos dedos pelo ponto de vista de um marciano. Surge uma monstruosidade cheia de tentáculos. Os gregos chamavam esta descoberta de *a-letheia*, uma palavra que traduzimos por verdade. (FLUSSER, 1983).

Ao vivenciar uma experiência de exílio, sendo ela voluntário ou não, o exilado tem o cobertor macio arrancado de si mesmo, colocando-o num ambiente novo, sujeito a novas experiências. O exilado adquire uma nova identidade, é o Outro dos outros (FLUSSER, 1983), tudo agora é incomum, monstruoso e inquietante. A sobrevivência do exilado depende de sua capacidade de decodificar informações novas, por vezes caóticas. É nesse contexto que Flusser vai defender o exílio como algo que força o indivíduo a estar num constante estado de exercício criativo.

A figura 1 disposta abaixo, tem como objetivo uma organização visual dos artistas e obras que foram levantadas na parte inicial do projeto, a busca pela bibliográfica por fotógrafos brasileiras que tinham em seus processos criativos a mobilidade como uma das temáticas. Divididos em três eixos centrais, paisagens; destinado à obras que tinham como local principal de execução lugares remotos e poucos explorados; cidades; entram aqui as obras que trabalham os grandes centros urbanos e seus fluxos comunicacionais; estradas; obras que valorizam os não-lugares¹, estes artistas assim foram classificados através de semelhanças encontradas em suas obras, visando a construção e relação das temáticas em um posterior artigo. É válido também salientar que esta classificação não possui um caráter reducionistas em cima das obras e artistas, ao contrário, há obras levantadas que transitam entre um ou mais eixos, mas os pesquisadores preferiram manter tal classificação para fins objetivos na pesquisa.

¹ AUGÉ, M. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 1992.



Figura 1. Painel com artistas e suas respectivas obras levantadas na parte inicial do projeto. Fonte: Arquivo próprio, 2019.

4.1 - Cidades:

Contemplando quatro artistas e obras escolhidas, este eixo temático apresenta práticas baseadas em derivas pelo espaço urbano, tendo a caminhada como modo de deslocamento principal. Entende-se que através da caminhada é permitida a experiência de descoberta de conglomerados urbanos, sejam eles familiares ou não. A relação do artista com o espaço urbano tem como uma referência fundamental a poesia de Charles Baudelaire que, em meados do século XIX, oferecia um olhar atento sobre o movimento das cidades. Com sua origem na mesma época a fotografia também se dedica a documentar as novidades revolucionárias que chegavam aos centros urbanos. Ademais, BENJAMIN (2000) trabalha a figura do flâneur, onde este “vê a cidade sem disfarces”. O artista que usa do suporte fotográfico como um observador das cidades e seus espaços, leva o espectador para além das construções físicas urbanas, permitindo que aquele universo caótico mas ao mesmo tempo íntimo das cidades seja revelado de alguma forma. Trazendo para o contexto do nosso tempo, é isso que faz, por exemplo, o artista brasileiro Cao Guimarães em *Histórias do Não Ver (2001)*. O artista apresenta uma série de fotografias feitas a partir de um pedido que fizera a alguns amigos, estes deveriam “sequestrá-lo” e vendá-lo, levando-o a lugares escolhidos pelos participantes, enquanto Cao documenta estes espaços. A busca de Cao pelo “sentir” o mundo, expõe o que Benjamin e Baudelaire definiam como flâneur, a figura que vaga na cidade a fim de experimentá-la. Assim como Cao, Luiza Baldan, artista com graduação em fotografia e doutorado em linguagens visuais, explora a figura do flâneur em sua obra *Leituras de Um Lugar Valioso (2012)*. Em processo de residência artística no Chile, Baldan busca locais tradicionais de interesse público que caracterizem a cidade de Valparaíso, buscando a documentação desses lugares através de uma nova perspectiva. Ao fazer uso da mobilidade como parte do processo criativo, Luiza desenvolve uma relação híbrida com o Chile, “já não me considero uma estrangeira mas sou. O deslocamento propicia o olhar de quem retorna, de quem sente saudade, de quem se surpreende e de quem critica”.

Luiz Braga, por sua vez, é um contemporâneo amazonense e suas fotos chamam a atenção pela cor e pelo movimento. Nascido no Pará, recorre a uma estética presente na cultura material e popular da Amazônia. Enfocando espaços urbanos, os resultados atingidos por Braga se afastam de estereótipos comuns e revelam um outro olhar formado na cultura visual popular da Amazônia. Fazendo o papel de flâneur e motivado por uma contra-hegemonia, Braga em sua série Amazônia entrega fotografias repletas de particularidades jamais vistas ao se falar de Amazônia. O borrão em algumas de suas fotos, motivadas pela baixa velocidade do obturador da câmera, evocam a mobilidade e o movimento da cidade em questão. As caminhadas de Braga em busca de fotos para a série nos mostram o papel do flâneur no descobrimento da cidade como um todo. De maneira parecida a Braga, Paula Trope em sua série *Traslados (1997-1998)*, assume o papel de mensageira de sua terra de origem. Parte para Havana carregando fotografias de crianças brasileiras a fim de consolidar um intercâmbio imagético-poético com crianças cubana, colocando em evidência o elo que existe na força do contato entre a troca das imagens, em contraponto com a distância. Paula incorpora na sua obra fotográfica os espaços e diferentes tempos das cidades brasileiras e de Havana, aproximando-as e criando elos. As cidades de Rio de Janeiro e

Havana se misturam no tempo-espaço através da subjetividade das crianças envoltas no projeto e suas expectativas do que está por vir.

4.2 - Paisagens

Como FLUSSER (1983) nos fala, o hábito é um cobertor macio e reconfortante. Torna as coisas agradáveis e tranquilas. É na contramão disso que os artistas expostos neste eixo vão trabalhar. Se assemelhando a exploradores, os fotógrafos paisagistas que aqui veremos exercem uma espécie de exílio voluntário, indo buscar a criatividade longe das rotineiras cidades. Marcelo Moscheta é um artista paulista que vem realizando obras e exposições que nascem de suas viagens a lugares remotos. Em *A Line in the Artic (2012)*, realizado em uma residência artística no Alto Ártico, Moscheta traz uma linha de fita adesiva esticada no chão na tentativa de seguir o paralelo e o meridiano exato para o norte, sul, leste e oeste. Não exatamente em condição de exílio, mas ao optar por um lugar remoto e fora de seu cotidiano Marcelo se assume como um explorador e abre mão de seu cobertor habitual, podendo assim então ser traçada uma relação entre o artístico e Flusser. Buscando compreender e recriar aspecto físico e geográficos encontrados nos ambientes naturais tendo a arte fotográfica como um dos suportes, Marcelo evoca uma efemeridade presente nas paisagens. Também no Ártico é realizada a obra *Projeto Bitácora (2012)* da artista gaúcha Letícia Ramos. A artista foi ganhadora do Prêmio Marc Ferréz² e a partir disso desenvolveu seu projeto. Bitácora é inspirado pela Escala de Beaufort³ e suas descrições visuais do efeito do ventos sobre a terra e o mar. O projeto teve sua prática a bordo de um veleiro em viagem pelo Pólo Ártico, tendo como principal objetivo a observação de novos elementos referenciais para criar uma classificação poética e cromática da paisagem baseada na influência dos ventos, toda a documentação do projeto foi sendo desenvolvida no site⁴ criada pela artista. Letícia encara a preparação para a viagem como uma bagagem de possibilidades. Letícia Ramos é uma artista que faz valer a afirmação de Flusser “Criar é sinônimo de processar dados” (2011), pois a artista valoriza o processo de criação da obra como um todo, buscando um resultado final ainda que por vezes inesperado, em decorrência das câmeras criadas pela a artista, mas dentro do que foi planejado em todo processo de criação da obra.

Araquém Alcântara é um fotógrafo brasileiro e entende o ato de criar como algo contínuo. No final dos anos 70, tendo como inspiração o fotógrafo americano Ansel Adams, Araquém decide partir em busca de fotografar todos os parques nacionais do Brasil. Na busca de tal feito, Alcântara compara sua viagem à Odisséia⁵, sendo marcada por experiências inesperadas. Se sentindo confortável em qualquer

² Prêmio que tem finalidade de selecionar no campo da fotografia projetos na área de artes visuais que visem estimular a reflexão e a experiência artística.

Disponível em: <<http://dados.gov.br/dataset/premio-funarte-marc-ferrez-de-fotografia>> Acesso em: 7 ago, 2019.

³ Escala Beaufort de Ventos.

Disponível em <<http://www.bl3.com.br/servicos/beaufort>> Acesso em: 7 ago, 2019.

⁴ Bitácora Project. Disponível em <<https://bitacoraproject.wordpress.com/>> Acesso em: 4 ago, 2019.

⁵ HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2003.

lugar (FLUSSER 2011), Alcântara possui um trabalho que dialoga com a questão errante e suas reverberações no contemporâneo. A viagem em busca de cobrir todos os parques nacionais, o rendeu seu maior livro de vendagem no Brasil, *Terra Brasil*. Assim como Araquém, Cláudia Andujar é uma fotógrafa que também tem dedicado seu trabalho ao território nacional. Nascida na Hungria, Andujar conviveu com situações de exílio desde muito cedo, com sua família judia sendo perseguida pelos nazista durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Em 1955, ao chegar no Brasil, Cláudia adquiri sua primeira câmera e passa a documentar viagens pelo país e pela América Latina, com o intuito de estabelecer contato e vínculo com a população local. Interessada em mergulhar na realidade brasileira, Cláudia tem contato com os índios Yanomami. Ao se voltar para uma prática comum junto aos índios a artista não busca apenas se aproximar e conhecer algo que até então nunca tinha tido contato, mas é um ato de se reconhecer na nova rotina. Cláudia assume uma identidade cuja passagem através dos signos e formatos remete a uma experiência contemporânea da mobilidade, do deslocamento e da travessia, usando de práticas do fotojornalismo e da etnografia.

Em *Naufração Calado*, obra de 2018, o artista mineiro Pedro Motta traz uma mistura entre viagem e coleção. O curador de arte Rodrigo Moura define o trabalho de Pedro como uma convergência entre colecionar e viajar, objeto e paisagem. A série *Naufração Calado* é composta por imagens de diversos formatos e segue um procedimento comum nas obras de Pedro, a manipulação digital e o confronto entre elementos naturais e humanos. Elementos como barcos e trailers são inseridos em paisagens tomadas por erosões, resultantes de uma mineração operada no Brasil em meados dos anos 50. O formato estético de cartão postal das obras de Pedro misturam o passageiro e o comum, colocando em evidência as longas jornadas do artista pelas estradas do país.

4.3 - Estradas

Em seu livro *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade* (1992), o antropólogo francês Marc Augé desenvolve a noção de não-lugar; lugares transitórios que não possui significado suficiente para serem definidos como “um lugar”. Sendo característicos da supermodernidade os não-lugares acompanham a planetarização de fluxos informacionais e financeiros, expondo por vezes as contradições vigentes. Ynaiê Dawson é artista visual paulista e membra do coletivo de arte Opavivará. Em *Linha de Passagem* (2010), Ynaiê revela sua intimidade com a temática das estradas e enfoca a idéia da viagem como ponto central do processo criativo da obra. A série *Linha de Passagem* é composta por centenas de imagens de paisagens no meio do caminho, produzidas em diversas viagens. Chama a atenção no trabalho de Dawson o fato de todas as imagens serem registradas em movimento, através da janela do meio de transporte em que a artista se encontra. Encontram-se em Dawson inúmeros ponto a serem relacionados com Augé; o movimento constante que evoca a ideia dos fluxos e o autoconhecimento que expõe características do não-lugar teorizados pelo autor, identitarismo e individualismo.

É também através das estradas que Marcos Santilli desenvolve uma relação imagética e memorial com o estado de Rondônia. Marcos é um fotógrafo paulista e tem boa parte de sua prática voltada para a documentação sócio-ambientais ocorridas no Acre e em Rondônia nos últimos 30 anos. Em

seu livro *Madeira-Mamoré Imagem e Memória (1987)*, Santilli dedica-se a compor a memória da região amazonense através das locomotivas da famosa estrada de ferro da região. Localizando as fotos no tempo e espaço através do movimento, Santilli traz em seu livro diversos momentos da colonização, disfarçada de “progresso”, do estado amazonense. Por vezes fotografando de dentro dos vagões em movimento, ato que o faz brincar com o diafragma da câmera e obter resultados curiosos, Santilli acentua a efemeridade das estradas e as singularidades do processo criativo que mune dos não-lugares. Ainda na Amazônia, a obra *Última Aventura (2011)* de Romy Pocztaruk busca a documentação da jornada feita pela a artista ao longo da maior rodovia federal do país, a Transamazônica. Percorrendo parte do quase mil quilômetros da estrada, Pocztaruk procura vestígios materiais e simbólicos que remanesceram de um projeto faraônico, utópico e “progressista”, que foi rapidamente fadado ao abandono e esquecimento. Os resultados finais da obra são imagens que possuem cenários vazios e despovoados, onde os habitantes ausentes guardaram os resquícios de suas aventuras. Romy é objetiva no que anseia, a documentação posterior a Transamazônica, mas constrói muito mais na subjetividade do que isso, explorando através da estrada uma região que já não mais vive seus dias de glória, mas sim a desilusão de um desenvolvimentismo feito sem nenhuma preocupação com os que ali moravam.

João Luiz Musa é um fotógrafo e professor paulista. Seu trabalho analisado aqui é o *Viagem a uma Terra Desconhecida (1987-1990)*. Esta obra apresenta uma série de fotografias coloridas de paisagens naturais realizadas em diversas regiões do Brasil. Se Andujar busca a construção de uma imagem do Brasil em sua obra, Musa faz justamente o contrário. Suas fotos não possuem nenhum elemento que identifique os espaços registrados, só há nelas a idéia do vazio e efêmero. Lançando-se pelas estradas, mares, montanhas e florestas do país, Musa busca se afastar do cotidiano e das conurbadas cidades. O artista assume também a figura do viajante fotógrafo com uma disposição incansável de olhar e registrar o mundo, tornando-se muito mais atento aos acontecimentos no momento em que se retira de sua zona confortável. É também em estradas que Alberto Bitar, fotógrafo Paraense, desenvolve *Efêmera Paisagem (2009)*. Neste trabalho, o artista refaz imagens as viagens que ele costumava fazer com sua família em direção à Mosqueiro, ilha banhada pelas baías do Guajará e do Marajó, a 70 quilômetros de Belém. Registrando através da janela do carro em movimento, Bitar consegue um resultado final de cenários dissolvidos na velocidade e vultos que desaparecem com igual rapidez à margem da estrada. Construindo sua infância e lembrando do afeto presente nela, Bitar chama a atenção pela soma das baixas velocidades na captura com as elevadas velocidades do veículo. As estrada não só transportou Bitar de um ponto ao outro, como deu início a uma obra que transportou o artista àquelas viagens de sua infância.

5 – Conclusões:

Neste trabalho procuramos evidências que relacionassem as obras levantadas na parte inicial do projeto de iniciação científica, levantamento de dados através das bibliografias, com práticas da mobilidade na arte contemporânea. Partindo dos dados obtidos anteriormente, fez-se uma catalogação a partir dos eixos temáticos; estradas, cidades e paisagens, onde posteriormente começou-se a escrita de um artigo onde as temáticas foram melhor trabalhadas em seus respectivos campos através de seus correspondentes artistas. Notou-se que a mobilidade como prática artística é um dispositivo comum na história da arte e seus períodos, ainda que o estudo destes mostrem singularidades respectivas a cada época observada. O foco da pesquisa deu-se na fotografia contemporânea brasileira, onde usando de conceito desenvolvidos por teóricos do campo da mobilidade como; Marc Augé, Vilém Flusser e Nicolas Bourriaud, buscamos a construção de um artigo visando sua publicação em revistas de arte no Brasil. Segue como perspectiva contínua de trabalho o aprofundamento ainda mais acerca do tema através do grupo de pesquisa Fresta: imagens técnicas e dispositivos errantes, núcleo no qual fazem parte orientador e orientando desta iniciação. Ademais, futuramente a partir da disponibilidade de recursos, visa-se a construção de um banco de dados online que será alimentado com todos os dados levantados pela pesquisa, assim como as catalogações temáticas das obras. Este banco de dados seria aberto ao público nacional no objetivo de construção um arquivo de artistas brasileiros que desenvolvem obras relacionadas à temática da mobilidade.

O objetivo de delinear um panorama da fotografia brasileira dedicada à mobilidade foi atingido com sucesso, com os pesquisadores sendo capazes de traçar um cenário inicial das práticas de fotógrafos brasileiros cujo trabalho se constrói a partir de processos de criação atrelados ao movimento.

6 – Referências Bibliográficas:

AUGÉ, Marc, **Non-lieux: Introduction à une anthropologie de la surmodernité**, Paris, Éditions du Seuil, 1992.

AUGÉ, Marc, **Pour une anthropologie de la mobilité**, Paris, Payot & Rivages, 2009.

BINDE, J. **Não-Lugares - Marc Augé**. Revista Antropos, Brasília, volume 2. Disponível na internet via http://revista.antropos.com.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=1:nao-lugares-marc-augé-resenha&catid=3:numero-02-maio-de-2008&Itemid=3. Arquivo capturado 23 jul. 2019.

BOURRIAUD, Nicolas, **Radicante: Por uma estética da globalização**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COVERLEY, Merlin. **A Arte de Caminhar. O Escritor Como Caminhante**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CAMARGO, A. **Radicante - por uma estética da globalização**. Revista Valise, Rio Grande do Sul, número 3, 2012. Disponível na internet via <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/26348>. Arquivo capturado 28 jul. 2019.

CAMARGO, A. **Radicante - por uma estética da globalização**. Revista Valise, Rio Grande do Sul, número 3, 2012. Disponível na internet via <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/26348>. Arquivo capturado 28 jul. 2019.

CARVALHO, Victa de. **Dispositivo e imagem: o papel da fotografia na arte contemporânea**. Studium (UNICAMP), v. 27, p. 01/01, 200. Disponível na internet via <http://www.studium.iar.unicamp.br/27/01.html>. Arquivo capturado em 25 de jul. 2019.

FLUSSER, Vilém. **Exílio e criatividade**. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 04, página 50 - 52, 2011. Disponível na internet via <https://piseagrama.org/exilio-e-criatividade/>. Arquivo capturado em 03 de ago. 2019.

GOMES, Priscyla. **Por uma estética radicante: deslocamento, experiência e cidade**. Estudos Avançados, São Paulo, número 91, 2017. Disponível na internet via http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000300143. Arquivo capturado 28 jul. 2019.

SILVA, I. **Por uma antropologia da mobilidade**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, volume 42, número 2. p 154-158. Disponível na internet via http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9285/1/2011_art_imsilva.pdf. Arquivo capturado 23 jul. 2019.

SOUZA, Breno. **Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólico no Foursquare**. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, número 01, página 135. 2013. Disponível na internet via <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/6969>. Arquivo capturado em 03 de ago. 2019.

Sesc Glória. **Imagem-Passagem: dinâmicas da fotografia em contexto de viagem**. Catálogo de exposição. 2016